

ABRAM ALAS QUE EU QUERO PASSAR:

Uma microanálise do carnaval do Clube "Floresta Montenegrina" nos anais do *Jornal Ibiá* (1985-2007)

OPEN WINGS THAT I WANT PASS:

A microanalysis of the carnival of the Club "Floresta Montenegrina" in the annals of *Jornal Ibiá* (1985-2007)

MAGNA LIMA MAGALHÃES¹

CLAUDIA SCHEMES²

RESUMO

O estudo aborda o histórico do carnaval do clube Floresta Montenegrina, notório espaço associativista, fundado no ano de 1916 na cidade de Montenegro (RS). Objetiva-se entender e discutir o histórico da festividade no âmbito regional, bem como pensar sobre a organização carnavalesca na cidade de Montenegro a partir da presença da escola de samba vinculada ao clube Floresta Montenegrina. A pesquisa está subsidiada na análise micro-histórica do *Jornal Ibiá*, nas edições de 1985 a 2007, que possibilita o acesso as informações sobre a criação da Escola de Samba Floresta e os eventos realizados para arrecadação de fundos para a realização do desfile nas ruas de Montenegro. Através da pesquisa, conclui-se que o carnaval é uma ferramenta utilizada pelo clube para construir uma *sólida* rede de apoio para a comunidade negra do Vale do Caí, bem como para dar visibilidade as pautas e tradições negras mantidas pela sociedade e presentes em seus festejos carnavalescos.

Palavras-chave: História do Carnaval. História Cultural. Floresta Montenegrina. Imprensa.

ABSTRACT

The study addresses the history of the carnival at the Floresta Montenegrina club, a notorious associative space, founded in 1916 in the city of Montenegro (RS). city of Montenegro from the presence of the samba school linked to the club Floresta Montenegrina. The research is based on the microhistorical analysis of

¹ Doutora pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. E-mail: magna@feevale.br.

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Grande do Sul (PUC/RS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. E-mail: claudias@feevale.br.

Jornal Ibiá, in editions from 1985 to 2007, which allows access to information about the creation of the Escola de Samba Floresta and the events held to raise funds for the parade in the streets of Montenegro. Through the research, it is concluded that the carnival is a tool used by the club to build a solid support network for the black community of Vale do Caí, as well as to give visibility to the black guidelines and traditions maintained by society and present in their celebrations carnavalesque.

Keywords: Carnival History. Cultural History. Montenegrin forest. Press.

INTRODUÇÃO

Historicamente, as festas sempre foram uma forma de promover a sociabilidade humana, permitindo que o imaginário se tornasse real através de cerimônias e celebrações. Além disso, elas marcam momentos importantes para diversos grupos sociais, servindo como uma ferramenta essencial para a manutenção da memória e da identidade coletiva. Por meio de ritos de passagem e festivais comunitários, a memória e a identidade das comunidades se fortalecem e se desenvolvem ao longo do tempo. À medida que as sociedades evoluem, novos elementos podem ser incorporados a esses contextos festivos, que antes eram exclusivos de grupos seletos da elite, tornando-se celebrados como festas populares.

É possível observar essa assimilação no histórico do Carnaval, que teve início como uma festa da elite, mas que foi trazido para as ruas do Brasil por homens e mulheres negras, se tornando a maior festividade nacional, permitindo a todos uma "liberdade" temporária. Considerando a importância das festas na sociabilidade humana, o projeto "Associativismo e mulheres negras: participação política e ações por visibilidade" propõe discutir e refletir sobre a grandiosidade desse evento. Nesse contexto, destaca-se a presença de associações culturais no meio do Carnaval, entre as quais se destaca o Clube Negro Beneficente Floresta Montenegrina, fundado em 1916 na cidade de Montenegro, região central do estado do Rio Grande do Sul. O clube em questão é objeto do projeto ao qual este artigo está vinculado.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo compreender como essa rede de sociabilidade media as interações dos membros do clube em questão, através da Escola de Samba do Floresta Montenegrina, com a cidade

onde a entidade se localiza. Para tanto, adota-se como fonte histórica balizadora da pesquisa o *Jornal Ibiá*, através do levantamento de reportagens que tratavam sobre a temática carnavalesca entre os anos de 1986 e 2007.

A utilização do periódico citado como principal fonte de pesquisa se deu a partir da ideia de que a imprensa não pode ser considerada o mero reflexo da realidade, mas, sim, a representação desta realidade. A este respeito, Capelato (1988, p.24,25) informa que a imprensa é produto de uma determinada época e que “a produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas. A imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens da sociedade que serão reproduzidas em outras épocas”.

Já para Espig (1998, p.274), os jornais não devem ser entendidos apenas como fontes de informação, mas como fontes históricas, pois possuem periodicidade e podem ser considerados “arquivos do cotidiano, nos quais podemos acompanhar a memória do dia a dia e estabelecer a cronologia dos fatos históricos”. Além disso, segundo a autora, “a disposição espacial da informação, permite a inserção do acontecimento histórico dentro de um contexto mais amplo”.

A partir da definição da fonte jornalística apresentada, realizamos uma “leitura intensiva dos periódicos”, que, segundo Elmir (1995), é aquela pela qual levamos em consideração a circulação, o contexto e os leitores. Para Magalhães (2010, p.25) “a linguagem [jornalística] possibilita determinar valores morais e comportamentais, assim como classificar e justificar grupos sociais” e, partir dos jornais, “desenvolve-se a construção de um discurso histórico porque cria tradição, passado, e influencia novos acontecimentos”.

Pretende-se com o presente trabalho, desenvolver e relacionar o contexto macro que se configura no histórico do carnaval em terras nacionais, com o contexto micro, que envolve a importância do momento de sociabilidade que o carnaval representa para o clube negro Beneficente Floresta Montenegrina e a sociedade de Montenegro. Esta instância do micro é analisada a partir das teorias de Ginzburg (1989) que entende que esta abordagem permite trazer à tona temas que eram considerados marginais durante muito tempo, como as festas e, além de utilizar uma diversidade de fontes, a micro-história possibilita a

constituição histórica a partir de fragmentos, pistas e indícios. O autor chama isso de “paradigma indiciário”, no qual o historiador é uma espécie de detetive que trabalha muitas vezes com o não-dito e busca, nos elementos residuais, a (re) construção da trama histórica (GINZBURG, 1989). Esta perspectiva nos permite reunir alguns indícios do passado e inseri-los em um contexto mais amplo.

Já, para Levi (1998, p.135), a micro-história “é uma gama de possíveis respostas que enfatizam a redefinição de conceitos e uma análise aprofundada dos instrumentos e métodos existentes”, ela permite o conhecimento de grandes estruturas sociais, mas, ao mesmo tempo, privilegia a escala menor, ou seja, o espaço social de cada indivíduo, no intento de buscar novos significados.

A dimensão da micro-análise é uma forma de “humanizar os personagens que nos propomos a estudar, fazendo com que eles não apareçam como heróis, donos absolutos de suas ações, nem como vítimas passivas das estruturas injustas em que estavam inseridos”. (MAGALHÃES, 2010, p.19). A autora segue dizendo que “as práticas desses sujeitos são, assim, consideradas como estratégias colocadas em ação para a execução de projetos individuais e/ou coletivos, sem que o resultado pudesse ser antecipadamente conhecido”.

Por essa perspectiva, a leitura intensiva dos jornais respalda nosso olhar acerca da festa carnavalesca local e da relevância da mesma para o clube negro Floresta Montenegrina, considerando as relações socioculturais e política no contexto macro das relações estabelecidas. Vale dizer que o carnaval em suas diferentes manifestações é considerado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional (IPHAN) patrimônio cultural imaterial, sendo assim, estudar o carnaval e suas diferentes nuances e complexidade é relevante para entender as manifestações culturais e sua diversidade, bem como diferentes atores envolvidos na mesma.

1. O CARNAVAL CHEGA AO BRASIL: INTERPRETAÇÕES E REPRESENTAÇÕES DA FESTIVIDADE EM TERRAS NACIONAIS

Conforme indica Michael Pollak (1992), dentro da lógica de expressão de uma identidade no momento da festividade, destaca-se a interferência e o interesse do Estado nesses momentos, que vê a chance de influir e fomentar a

construção de uma identidade nacional que atenda os seus interesses, incentivando o destaque para alguns aspectos da história e memória nacional exaltados no momento de comemoração.

Durval Muniz de Albuquerque Junior (2011, p. 136), indica que:

Este trabalho de reinvenção cívica e patriótica de festejos populares, se dá no momento histórico em que o dispositivo das nacionalidades e a formação discursiva nacional-popular procura operar com a articulação dos conceitos de nação e povo, enfatizando o que seria uma certa sinonímia entre estes dois operadores de sentido.

O autor demonstra que o caráter popular da festa se estende para além dos “puros desejos” de seus participantes, se tornando ferramenta nas mãos de governos que almejam certas construções imagéticas para seus Estados. Desta forma, apesar do uso político das festas, estas ainda continuam essencialmente sendo espaços de integração e sociabilidade popular, que carregam a principal característica de serem momentos, segundo Albuquerque Junior (2011), onde identidades antagônicas se confrontam através da encenação e da ludicidade do momento, fazendo com que agentes sociais retomem o protagonismo das atividades comuns ao meio.

É dessa esfera de ritualização e encenação que surgem os festejos carnavalescos. Estes primórdios do carnaval remetem a Idade Média, segundo Júlio Caro Borja (1979, apud Rachel Soihet, 1998, p. 4) que devido a necessidade de se dar “adeus” a carne durante o período da quaresma, ou seja, nutrir o ser espiritual durante quarenta dias, negando os desejos do ser homem, instaura-se um período de três dias em que alguns desvios de conduta socialmente não aceitos passam a ser tolerados em prol da vivacidade da festa.

Porém, para Mikhail Bakhtin (1987, apud Rachel Soihet, 1998, p. 5) as raízes dessa festividade remetem aos tempos pagão, dos momentos de ritualísticos egípcios ou dos Bacanaís, Saturnálias e as Lupercálias romanas. Tais eventos se mantiveram vivos dentro da mentalidade da sociedade e foram indexados a cultura católica que se fortificou no período medieval, que pelos motivos indicados anteriormente, tornou-se uma festa popular que segue sendo parte da cultura ocidental até a atualidade.

Indiferente de seu início original, que até então não tem data definida, o

Carnaval tem por característica principal, tanto no período medieval quanto na atualidade, ser, conforme Rachel Soihet (1998, p.7), “um momento de quebra de hierarquia, que permite aos indivíduos um tipo único de comunicação, que ao se despir das normas sociais de conduta, gera um ambiente de sociabilização quase que universal”.

Para Bakhtin (1987) a festa tem um sentido de libertação, de transgressão da ordem estabelecida e de superação de limites e o carnaval, sendo o mais antigo elemento popular da festa, tem a possibilidade de revelar o cotidiano da cultura popular do seu tempo. O autor diz ainda que todas as festas populares, dos batizados às procissões, trazem em si os elementos do carnaval e as outras festas “empalidecem” ao seu lado. “O carnaval torna-se, então, o símbolo e a encenação da verdadeira festa popular e pública, totalmente independente da Igreja e do Estado” (BAKHTIN, 1987, p. 191).

Bakhtin (1987) privilegia a análise do elemento cômico que, segundo ele, é o princípio que liberta os homens da sociedade estática e conservadora e o riso é um elemento universal e satírico que faz parte da festa e não exclui o cidadão do mundo. Para o autor, o carnaval celebra o aniquilamento do velho mundo e o nascimento do novo. Sendo assim, o carnaval entende-se como festa, no seu sentido mais amplo, tendo em vista a definição de Maria Nazareth Ferreira (2006, p.2) que indica que

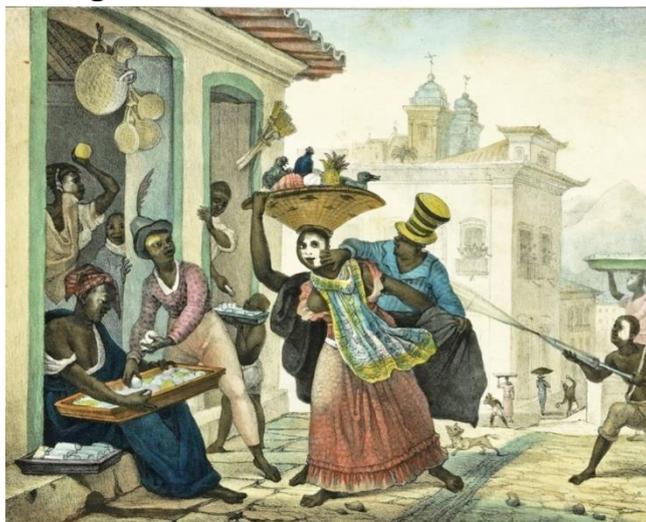
A festa deve ser vista como um conjunto de atos cerimoniais de caráter coletivo pela sua colocação dentro de um tempo delimitado, tido como "diverso" da cotidianidade. Em qualquer tipo de festa, o grupo ou a comunidade interrompe o tempo ordinário para entrar, coletivamente, na dimensão de um tempo carregado de implicação cultural e de conotação psíquica própria, diferente daquele tempo ordinário ou cotidiano.

Um autor que corrobora com as ideias de Ferreira (2006) é Peter Burke (1989) quando analisa as manifestações culturais populares, sendo o carnaval uma delas. Segundo este autor, o carnaval se opõe à vida cotidiana e se torna uma representação invertida do mundo, entendendo que as festas, de um modo geral, se aproximam sempre do carnaval, como se fossem carnavais menores e onde se expressam os sentimentos mais vivos da comunidade. O carnaval, para Burke (1989, p.225), é a libertação do cotidiano popular, pois possibilita um certo “um senso de impunidade”, além de representar um caráter de subsistência e de

luta diária, que seriam mais significativos que o próprio ritual de alegria ou zombaria.

Leonardo Soares da Rosa (2015), menciona que no Brasil essas comemorações chegaram junto com os portugueses que nos três ou quatro dias antecedentes à quaresma tinham por costume brincar de se atirar bolas de cera com líquidos cheirosos ou pútridos uns nos outros, bem como farinha e ovos.

Figura 1 - Quadro "Cena de carnaval"



Fonte: Jean Baptiste Debret. Aquarela sobre papel (18 x 23 cm).

Por mais que esta comemoração fosse “natural” da elite, logo foi adotada pelos setores subalternos da sociedade, como é possível observar na pintura de Debret mostrada acima, que levaram esta brincadeira para as ruas das cidades, a libertando do ambiente doméstico ao mesmo tempo que a tornou popular. O artista francês buscou no cotidiano as manifestações culturais mais emblemáticas da sociedade brasileira e o carnaval era uma delas. O pintor explica o episódio retrado na pintura:

a cena se passa à porta de uma venda, instalada como de costume numa esquina. A negra sacrifica tudo ao equilíbrio de seu cesto, já repleto de provisões que traz para seus senhores, enquanto o moleque, de seringa de lata na mão, joga um jacto de água que a inunda e provoca um último acidente nessa catástrofe carnavalesca. (DEBRET, 1978, p. 301, v. I)

A respeito do controle da festa carnavalesca por parte das elites, Maria Clementina Pereira da Cunha (2001), informa que houve tentativas de controlar as festividades populares, principalmente o entrudo, através dos desfiles

organizados pelas sociedades carnavalescas, entretanto, isso não foi possível, pois as fronteiras entre os grupos acabaram se desfazendo e as festas populares invadiram os espaços das elites. Nesse sentido, pode-se entender que, segundo Rita Amaral (2001, p.65):

O chamado da festa acabava incentivando a quebra das regras e o rompimento dos rígidos padrões de comportamento exigidos pelas autoridades. Isto porque a aparente “promiscuidade” da festa era relativa e a participação maciça de todas as classes se dava dentro de regras razoavelmente bem estabelecidas.

Mais uma vez podemos fazer referência a Bakhtin (1989) quando observamos esta questão da quebra de hierarquia, esta inversão da ordem social que a festa carnavalesca possibilita. Sendo assim, é válido reiterar a definição de Luana Moreira Marques e Carlos Rodrigues Brandão (2015, p.24), que compreendem que “as festas são, portanto, unidades onde coexistem sujeitos, motivações, elementos, poderes, estruturas, tempos e espaços diferentes. Todos eles se distribuem, relacionam, fundem e comunicam em redes”, uma vez que o momento une diversas identidades em um evento único.

Nesta mesma linha Martha Abreu (1999, p.106) quando analisa as festas religiosas no Rio de Janeiro no final do século XIX diz que é através delas que podemos conhecer melhor uma coletividade e o período no qual as mesmas aconteceram. Para a autora, as festas podem reunir condições para a “criação e expressão de outras identidades culturais, tecidas constantemente nas ruas por negros, escravos, libertos e imigrantes pobres, a partir dos mais diversos gêneros musicais e de dança”.

2. CARNAVAL NO RIO GRANDE DO SUL: A RELAÇÃO ENTRE CLUBES ASSOSSIATIVISTAS NEGROS E O ENTRUDO

Com a popularização do entrudo e a perda do controle da elite sobre essa festividade, os bailes e sociedades carnavalescas tornam-se populares, sendo esse movimento uma estratégia das classes dominantes para manter o “controle” sobre os festejos. Porém, apesar da intenção de controlar a festa com o ensalamento do carnaval, a resistência popular se fez ouvir e a criação de cordões e sociedades carnavalescas tornou-se cada vez mais forte, principalmente dentro das classes mais marginalizadas da população, sendo

assim, pode-se afirmar que “[...] o entrudo, praticado por negros e pobres, coexistiu com as práticas mais elitizadas que não conseguiram eliminar estas brincadeiras no século XIX” (ROSA, MAGALHÃES, SCHEMES, 2017, p. 151).

No decorrer do século XX, se percebe a solidificação desse costume da criação de blocos de rua. No que tange ao Rio Grande do Sul, as cidades de Porto Alegre, Pelotas, São Leopoldo e Montenegro apresentaram uma crescente criação de associações negras, que foi concomitante a da criação de cordões carnavalescos, os quais nas vésperas dessa festa nacional foram amplamente registrados pelos jornais locais.

É através desses registros jornalísticos que os historiadores que se debruçam sobre a temática carnavalesca podem ter acesso a comoção social que essas associações causavam na época provando, mais uma vez, o valor da fonte impressa para o trabalho de construção da história.

Figura 2 - Reportagem sobre a criação da Escola de Samba Floresta



Fonte: Jornal Ibiá, 10 de fevereiro de 1985.

Segundo Tania Regina de Luca (2008) a pluralidade de recortes temáticos também foi um ganho ao processo de escrita da história que a partir do movimento de abertura das fontes proposta pela Escola dos Annales, possibilitou a abordagem de novas perspectivas, dando vez aos vencidos e aos excluídos, que até então tinham seu protagonismo ignorado, mesmo sendo de extrema

importância para a construção cultural e social de identidade de um país, como se pode ver no caso do carnaval.

É através da fonte impressa que podemos ter acesso a história divulgada do carnaval montenegrina que está presente no periódico municipal Jornal Ibiá, no qual se pode ter acesso a inúmeras notícias e imagens dos desfiles e bailes promovidos pela Associação Cultural Beneficente Floresta Montenegrina, que contou com ampla divulgação de seus eventos carnavalescos entre os anos de 1986 e 2007, sendo representado pela Escola de Samba Floresta e tendo, inclusive, registrado no periódico o momento de sua criação, publicado no dia 10 de fevereiro de 1985, como podemos observar na Figura 2.

No decorrer dos anos de publicação do periódico apresentado acima, há presença de reportagens sobre a Escola de Samba Floresta, sendo acompanhadas de inúmeras fotos dos desfiles e das fantasias que eram usadas no carnaval da época, bem como os resultados de seus enfrentamentos na passarela com outras escolas de samba e, nos anos 2000, as lutas da escola para se manter atuante no carnaval montenegrina.

Figura 3 - Reportagem sobre o desfile de carnaval de Montenegro



Fonte: Jornal Ibiá, 22 de fevereiro de 1986.

Pode-se perceber nas imagens apresentadas no jornal a intensa presença

da comunidade negra, tanto nos ensaios, quanto nos desfiles, que reuniam pessoas de todas as faixas etárias, desde crianças até idosos.

Figura 4 – Reportagem sobre o carnaval de Montenegro



Fonte: Jornal Ibiá, 25 de fevereiro de 2006.

Aqueles que optavam por vestir o azul e branco, cores selecionadas como símbolo da escola, participavam ativamente dos festejos, deixando claro a importância deste momento de sociabilidade dentro da comunidade, que integrava todos os participantes do bloco e da associação Floresta Montenegrina em prol de uma paixão nacional, como definiu a carnavalesca Isabel na edição de 25/02/2006 do *Jornal Ibiá*.

Destaca-se nessas imagens a presença feminina, mais especificamente a presença da mulher negra, a qual ganhava espaço nos desfiles, sendo a figura principal do evento. Aliada a uma divulgação midiática, a presença de fotos de mulheres negras em um periódico municipal demonstra o avanço da ocupação de espaços da figura feminina uma vez que agora a mulher negra não está mais destinada a ser um sujeito em segundo plano, mas a figura central de uma comemoração nacional, tendo como objetivo ser a representação do carnaval encarnado.

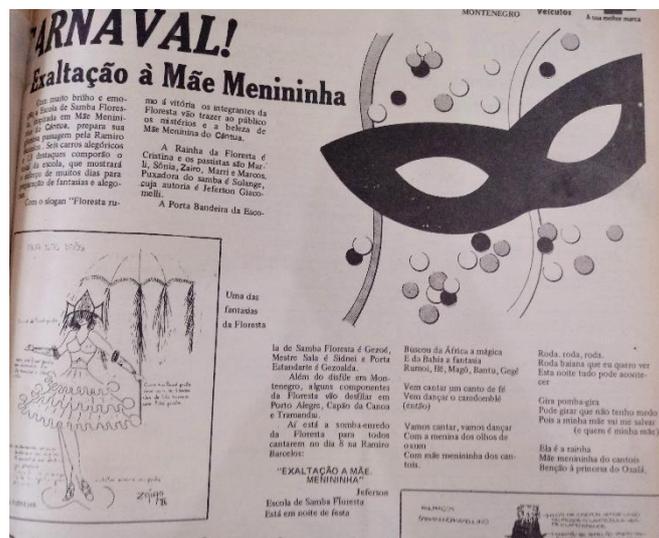
Essa mudança de perspectiva em relação ao lugar da mulher negra na sociedade pode ser atribuída a um extenso histórico de luta por visibilidade e resistência, que por mais que esteja longe de seu fim, garantiu a presença de

mulheres negras em locais públicos que eram anteriormente ocupados apenas por homens.

Como bem define Bebel Nepomuceno (2012, p. 395) “As mulheres negras compreenderam e souberam usar com maestria os poucos espaços de sobrevivência deixados por uma sociedade profundamente hierarquizada por cor e sexo” que com as devidas ressalvas, acaba por transmutar o lugar social desse sujeito, permitindo uma maior circulação social da figura feminina, podendo assim considerar o carnaval como um desses locais.

Além de estarem no desfile como passistas e porta-bandeiras, a presença feminina também se fazia presente na ala da bateria como, por exemplo, no carnaval de 1986, que teve o samba enredo intitulado “Exaltação a mãe menininha”, como podemos ver na Figura 5, puxado pela sambista Solange, demonstrando que espaços tipicamente masculinos estavam sendo abertos para a participação feminina.

Figura 5 - Destaque para a composição da escola de samba Floresta e seu samba enredo



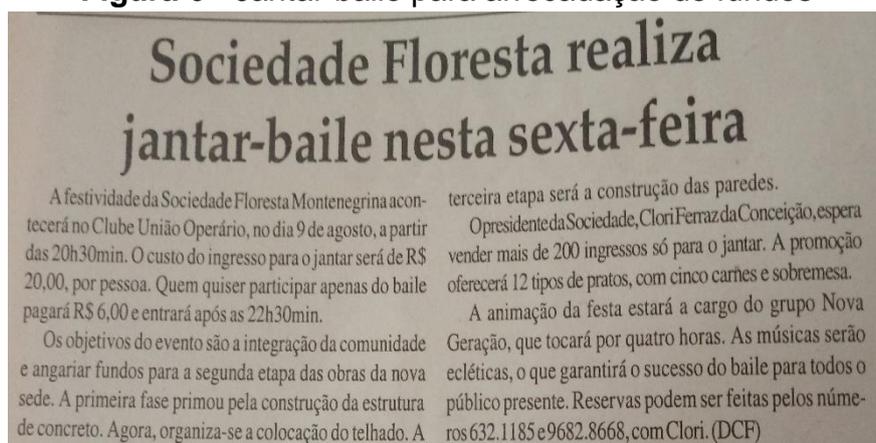
Fonte: Jornal Ibiá, 5 de fevereiro de 1986.

Tendo em vista que a preparação para o festejo não ocorre da noite para o dia, o carnaval do Floresta Montenegrina é algo que movimentava a sociedade negra vinculada ao Clube de Montenegro ao longo de todo o ano, sendo comuns ao clube eventos para arrecadação de dinheiro e novas parcerias, peças importantes para o “fazer acontecer” da festa.

Carvalho (2021, p.76) fala sobre a importância dos preparativos que antecipavam os desfiles carnavalescos, segundo o autor, eles “motivam, agregam, formam e capacitam muitas pessoas, desenvolvendo, qualificando e principalmente remunerando artistas” o autor lembra, ainda, das amplas pesquisas que precisam ser realizadas para a composição do enredos, criando “peças literárias na pesquisa de seus enredos, na composição de obras musicais, produzindo uma pluralidade de espetáculos e diversificadas apresentações artísticas, obras produzidas por seus atores locais”.

Também se percebe a importância da divulgação do carnaval nas páginas do Jornal Ibiá, tendo a Escola oferecido um jantar especial para a imprensa afim de apresentar sua rainha e samba enredo para a sociedade montenegrina (Figura 6).

Figura 6 - Jantar-baile para arrecadação de fundos



Fonte: Jornal Ibiá, 08 de agosto de 2002.

Conforme Marques e Brandão (2015) observa-se que nesse momento existe a construção de relações para execução da festividade, cada qual com seu interesse particular, porém trabalhando no mesmo sentido para que a realização do momento se solidifique, construindo, assim, relações que beneficiam ambos os lados e que passam a formar uma rede de socialização dentro de determinada sociedade.

A este respeito Oliveira Junior (2017 apud Carvalho, 2021, p. 77) diz que “estes espaços são compreendidos na construção dos sujeitos, das práticas e das representações sociais em seus cotidianos formativos e informativos”.

Figura 7 – Destaques da Escola de Samba Floresta montenegrina



Fonte: Jornal Ibiá, 04 de fevereiro de 1987.

Nesse sentido também podem ser encontrados nas páginas do Jornal Ibiá ao longo dos anos anúncios de bailes e concursos de beleza, que tinham como objetivo atrair a comunidade, principalmente negra, para dentro do clube, a fim de fortalecer os laços sociais e a construção do carnaval, bem como colaborar para as melhorias necessárias na infraestrutura da associação, como observamos na Figura 7.

Para Carvalho (2021, p.80), “as relações humanas e sociais das comunidades do carnaval podem ser compreendidas pelo viés da análise do sentimento de pertencer ao grupo [...]”. O autor parte das ideias de Weber (1978) quando este entende o grupo como um corpo social “que conceitua as relações comunitárias e as relações associativas” gerando um sentimento de pertencimento, material ou subjetivo, ou ainda a partir dos conceitos weberianos que entendem “a união de interesses racionalmente motivados para uma relação sentimental comunitária”.

Assim, o clube Floresta Montenegrina e a escola de samba vinculada a ele mostra sua presença e ação na localidade, bem como suas manifestações culturais que estão permeadas por sociabilidade, pertencimento, além de desafios, lutas e interesses comuns pautados no cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a trajetória do carnaval até os dias atuais e suas ressignificações ao longo da história, contextualizando-o dentro do universo de formas de resistência e sociabilidade da comunidade negra brasileira, o entrudo torna-se uma dentre as muitas ferramentas que auxiliam no processo de afirmação e visibilidade da identidade negra comprovado no caso da Associação Cultural Beneficente Floresta Montenegrina, abordado no decorrer do texto.

O carnaval se configura como uma ferramenta, pois é no momento da festividade, a qual o Clube fez parte, que as regras normativas da sociedade, que normalmente segregam espaços de ocupação negra e branca de forma tácita, estão enfraquecidos. Sendo assim, brechas foram abertas na estrutura social montenegrina e por esses espaços a população negra vinculada ao Clube Floresta Montenegrina se fez presente, sendo vista e aplaudida em um dos momentos de maior comoção social na região do Vale dos Caí.

Ao se utilizar deste festejo para expor pautas de afirmação, tomando como exemplo o samba enredo com a temática de religião de matriz afro e o “holofote” sobre o corpo negro, a Floresta Montenegrina, através de sua escola de samba, ampliou sua área de sociabilidade, pois demonstrou que dentro de uma sociedade historicamente conhecida pela presença alemã, o corpo e a cultura negra estavam (e estão) presentes e atuantes.

Por fim, ao organizarem o Clube Social e posteriormente a Escola de Samba Floresta Montenegrina, os fundadores desses espaços, juntamente com os associados, auxiliaram a fortalecer todo o movimento negro da região, pois através desses espaços foi possível fomentar o estabelecimento e manutenção de redes de apoio municipais e regionais, dando mais um passo na construção e preservação da identidade negra sul-riograndense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS

- ABREU, Martha. **O Império do Divino**. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 134-

150, jun. 2011.

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”**. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/festas.html>. Acesso em: 27 de jan. 2021.

BAKTHIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. O Contexto de François Rabelais. São Paulo/Brasília: Hucitec/UNB, 1987.

BURKE, Peter. **A Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

CAPELATO, M.H. 1988. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo, Contexto/EDUSP. 78 p.

CARNAVAL! Exaltação à Mãe Menininha. *Jornal Ibiá*. Montenegro, 5 fev. 1986.

CARVALHO, Ramão Edonil Dauinheimer de. **A cultura popular como vetor de transformação social: a formação de profissionais na escola de samba Império do Sol**. Taquara/RS, 2021. 196. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional), Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT, 2021.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da folia**. Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

DEBRET, Jean-Baptiste, 1768 -1848. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Limitada; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. Tomo I, volumes I e II.

ELMIR, Cláudio Pereira.. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos do PPG em História**, UFRGS, n.13, p.19-29, dez. 1995.

ESPIG, M.J. 1998. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v.XXIV, n.2, p.269-289.

FERREIRA, M. N. Comunicação, Resistência e Cidadania: as Festas Populares. **Comunicação & Informação**, v. 9, n. 1, p. 111-117, jan/jun 2006.

FLORESTA apresenta destaques. *Jornal Ibiá*. Montenegro, 4 fev. 1987.

FLORESTA e a Juventude. *Jornal Ibiá*. Montenegro, 10 fev. 1985.

FLORESTA rumo à vitória. *Jornal Ibiá*. Montenegro, 22 fev. 1986.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Jornal Ibiá. Montenegro, 25 fev. 2006.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p.133-161.

LIMA, Alice Santana de. **Debret e Machado de Assis: artistas e historiadores do Brasil do século XIX**. Blog da BBM, 15 fev. 2019. Disponível em: <https://blog.bbm.usp.br/2019/02/>. Acesso em 15 mar. 2020.

LUCA, Tania Regina de (org.). História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

MAGALHÃES, Magna Lima. **Entre a preteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul: associativismo e identidade negra em uma localidade teuto-brasileira (Novo Hamburgo/RS)**. São Leopoldo, 2010. 219 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em História), Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS, 2010.

MARQUES, Luana Moreira; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. As festas populares como objeto de estudo: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar. **Ateliê Geográfico**, [S.L.], v. 9, n. 3, p. 9-26, 1 abr. 2015. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/ag.v9i3.33822>.

NEPOMUCENO, Bebel. Mulheres Negras – “Protagonismo Ignorado”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.p.382-409

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 17 mar. 2020.

ROSA, Leonardo Soares da; MAGALHÃES, Magna Lima. **Blocos e escolas de samba: a presença negra na folia carnavalesca do Vale dos Sinos**. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=cat02123a&AN=feev.244998&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 20 abr. 2020.

ROSA, Leonardo Soares da; MAGALHÃES, Magna Lima; SCHEMES, Claudia. Cobras e Dragões: as feras da folia carnavalesca de São Leopoldo (RS). **Revista de História Regional**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 148-170, 2017. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). <http://dx.doi.org/10.5212/rev.hist.reg.v.22i1.0007>.

ROSA, Leonardo Soares da. **Blocos e escolas de samba: a presença negra na folia carnavalesca do Vale do Sinos**. Novo Hamburgo, 2015. 151 p. Dissertação (PPG Processos e Manifestações Culturais), Universidade Feevale, 2015.

SOCIEDADE Floresta realiza jantar-baile nesta sexta-feira. Jornal Ibiá. Montenegro, 8 ago. 2002.

SOIHET, Raquel. **Reflexões sobre o carnaval na historiografia:** algumas abordagens. Academia do samba. Publicado em 1998. Disponível em: <http://www.academiadosamba.com.br/monografias/raquelsoihet.pdf>.. Acesso em: 24 mar. 2020.

WEBER, Max. **Os fundamentos da organização burocrática: uma construção do tipo ideal.** Sociologia da burocracia, v. 4, n. 1978, p. 15-28, 1978.

Recebido em 13 de janeiro de 2023.

Aprovado para publicação em 23 de março de 2023.